

Dando a volta por cima

Responsabilizada por um acidente ambiental causado pelo rompimento de uma barragem que armazenava lixívia preta, pertencente à antiga Indústria Matarazzo de Papéis, a Indústria Cataguases de Papel tem passado os últimos anos trabalhando para provar sua inocência e, aos poucos, retomando o crescimento no mercado de papéis para embalagem.

Por Renata Mercante

Todos estão lembrados do tão divulgado “acidente em Cataguases”, ocorrido no final de março de 2003, causado pelo rompimento de uma barragem com lixívia preta, que atingiu o Rio Pomba, afluente do Rio Paraíba do Sul. Os noticiários da TV e os principais jornais do País passaram semanas e mais semanas reproduzindo imagens da grande mancha escura no rio, além de depoimentos e opiniões sobre o assunto, classificando a ocorrência como “o maior acidente ambiental do Brasil”. Para a imprensa e, por consequência, para os órgãos públicos ligados ao meio ambiente, a Indústria Cataguases de Papel Ltda. – localizada na cidade de mesmo nome, em Minas Gerais –, tinha sido a responsável pelo acidente. Em decorrência, executivos da empresa tiveram a prisão preventiva decretada e um deles acabou sendo preso. Por tratar-se de uma indústria de papel e ainda hoje permanecer na cidade o estigma da Matarazzo, a associação com o acidente foi imediata. A imprensa encarregou-se de proporcionar o “espetáculo”, até com desdobramentos políticos. O tempo passou e, como é comum acontecer, hoje pouco se comenta sobre o assunto. De vez em quando, a notícia aparece na imprensa com a mesma adjetivação, reprisando matérias da época.

Dois anos e meio depois do ocorrido, ainda não se descobriu a real causa do acidente. “O que existe é uma série de hipóteses”, conta João Gregório de Bem, diretor industrial da Indústria Cataguases. Segundo ele, algumas empresas especializadas em barragens, con-

tratadas pela Florestal Cataguases Ltda., proprietária da área onde estão os reservatórios – Fazenda Bom Destino –, dizem que pode ter havido um fenômeno natural, verificado em construções desse tipo, denominado *piping* – que inclusive já provocou o rompimento de grandes barragens na China e nos Estados Unidos –, ocorrido no encontro do maciço da barragem com a terra firme. “Outros indicam que pode ter sido a ação constante, por anos seguidos, das formigas – nas áreas reflorestadas de eucalipto que circundam as barragens, é comum a presença de formigueiros. Ninguém, porém, afirma decisivamente que foi isso ou aquilo”, diz João de Bem.

Ações movidas contra a Indústria Cataguases em consequência do acidente não têm nenhuma fundamentação. A Indústria, comprovadamente, não foi e não é proprietária de nenhuma área rural, não pro-

duziu e não armazenou licor preto. Existe um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) em cumprimento, firmado pela Florestal Cataguases Ltda. com os órgãos ambientais e os Ministérios Público Federal e Estadual. No documento, está incluída uma série de exigências que estão sendo efetivadas – e de acordo com os órgãos envolvidos –, além da reconstrução da barragem rompida e da adequação da outra barragem, não rompida, aos volumes e à qualidade do líquido armazenado. “Mesmo com laudos técnicos, patrocinados pela Cataguases e emitidos por várias instituições (universidades, laboratórios e fundações), a Justiça reluta em aceitar as provas técnicas de que o material vazado não é absolutamente tóxico. Nossa sensação é de que se criou uma verdadeira ‘indústria de indenizações por danos morais’ contra nossa empresa”, lamenta-se João de Bem.



Massacrada pela imprensa e pelos órgãos ambientais, a Indústria Cataguases luta para reverter os prejuízos gerados por ter sido responsabilizada pelo derramamento de lixívia preta no Rio Pomba



DIVULGAÇÃO INDÚSTRIA CATAGUASES

Na trilha da recuperação, a Indústria Cataguases pretende aumentar sua produção de papéis de embalagem de menor gramatura

Criada no final de 1994, para produzir papel-miolo e capa, a Indústria Cataguases ocupa a área onde antigamente funcionava a Indústria Matarazzo de Papéis S.A., que fabricava celulose e papel. “Como a antecessora, a Cia. Mineira de Papéis, sem nunca ter implantado uma unidade de recuperação química, a Matarazzo lançava os efluentes gerados pela produção da celulose diretamente no Ribeirão Meia-Pataca, afluente do Rio Pomba, que, por sua vez, é afluente do Rio Paraíba do Sul”, conta João de Bem. Pressionada pelo órgão ambiental do Estado (Copam), em meados dos anos 80, a Matarazzo construiu dois reservatórios com barragens para armazenar os efluentes – a lixívia preta – na Fazenda Bom Destino, de propriedade da Agro Projetos, pertencente ao mesmo Grupo Matarazzo, situada a 14 quilômetros da unidade fabril, na área rural da cidade de Cataguases.

Três ou quatro anos depois, no início de 1992, o Grupo Matarazzo resolveu paralisar as atividades da unidade de Cataguases, colocando seus colaboradores em licença remunerada. Durante um período de praticamente dois anos não houve o pagamento das licenças da grande maioria dos funcionários, que recorreram à Justiça, ocasionando uma ação trabalhista coletiva, cujo desfecho se deu em

meados de 1994. “Com a ação ganha, mas sem o pagamento pelo Grupo Matarazzo, os funcionários adjudicaram os ativos móveis e imóveis da indústria e agroprojetos. De posse das cartas de adjudicação, iniciaram a negociação com interessados, entre os quais um grupo formado por pessoas físicas e jurídicas que constituiu a Indústria Cataguases de Papel Ltda.”, lembra João de Bem. Ele explica que a empresa adquiriu as cartas de adjudicação dos ex-funcionários – que abrangiam todo o complexo fabril –, visando unicamente à unidade produtora de papel, para transformá-la em fábrica de



DIVULGAÇÃO INDÚSTRIA CATAGUASES

João de Bem: “Mesmo com laudos técnicos, a Justiça reluta em aceitar que o material vazado não é absolutamente tóxico”

papel reciclado. Com isso, a fábrica de celulose, que já estava desativada, foi completamente desmontada. A Indústria Cataguases de Papel adequou equipamentos e máquinas, contratou profissionais que trabalhavam na antiga Matarazzo e iniciou a produção no final de 1994, com a máquina de papel 1 (MP-1). Já no começo de 1995, partiu com a MP-2, produzindo modestas 30 toneladas por dia de papel-miolo.

DECORRÊNCIAS DO ACIDENTE

“Naturalmente, a Cataguases teve um prejuízo enorme e irreversível do ponto de vista operacional, em função do acidente. A ação ostensiva dos órgãos públicos e o massacre da imprensa se encarregaram de afastar muitos de nossos clientes”, afirma João de Bem. Além disso, a ausência dos executivos, originada pela truculência policial, provocou um vácuo nos negócios, impondo solução de continuidade em quase todos os departamentos da empresa, continua o diretor industrial da Cataguases. “A maioria dos clientes sabia que não tínhamos responsabilidade pelo acidente, mas foram prejudicados na entrega de seus pedidos. Até regularizar a produção, foi um tempo longo”, conta.

Para neutralizar os efeitos negativos causados à sua imagem, a Cataguases contratou uma empresa de comunicação que estruturou um programa de esclarecimento, inserido em vários veículos de comunicação, e implantou também o programa Conhecer para Reciclar, aplicado na rede pública municipal de ensino. “É uma maneira didática de disseminar a ideia da reciclagem e explicar para a população leiga o processo de fabricação de papel na Cataguases, inclusive com visitas semanais às instalações da fábrica”, explica João de Bem, afirmando que os resultados de tais ações têm sido muito positivos. “O próprio relacionamento com clientes e fornecedores também tem sido um excelente meio de divulgação da imagem de nossa empresa”, adiciona.

Por outro lado, na interpretação de João de Bem o episódio gerou conse-




Sala de controle de qualidade da Indústria Cataguases: a empresa substituiu diversos equipamentos e implantou novas tecnologias de fabricação de papel

quiências positivas indiretas. “Esse fato veio evidenciar uma série de equívocos no comportamento dos órgãos ambientais e outras instituições, como o Ministério Público, curador do meio ambiente. O próprio Ibama deve explicações à socie-

dade e está no pólo passivo, como outros, sendo acionado pelo Ministério Público Federal; afinal, foram os órgãos de gestão ambiental que autorizaram a Indústria Matarazzo a construir as barragens e, quando a empresa paralisou as atividades, não in-

dicaram o que deveria ser feito com os resíduos”, aponta João de Bem.

Uma grande lição tirada de tudo isso ficou para os empresários do setor que atuam com responsabilidade social, seja na geração de empregos, seja na fiscalização das atividades econômicas: a importância e o cuidado com a capacitação, a especialização e a atualização de seus colaboradores com relação aos processos industriais que oferecem riscos de danos ambientais. “Do ponto de vista de qualidade, a Cataguases está bem melhor hoje”, admite João de Bem, referindo-se à substituição de alguns equipamentos e à agregação de novas tecnologias de fabricação na indústria. “Em volume, ainda não chegamos aos mesmos níveis de antes, em função de exigências do mercado, como a demanda por papéis de embalagem com baixas gramaturas. Assim que tivermos disponibilidade de recursos, vamos trabalhar para aumentar a produção desse tipo de papel”, informa João de Bem. 

A produção das melhores empresas passa pela nossa qualidade.

Com capacidade produtiva de 18.000 t/ano e matéria-prima garantida pela participação acionária da Acesita, a Inoxtubos é líder do mercado brasileiro e exporta para todo o continente americano e todo o africano. Capaz de produzir diâmetros de 6,0 mm a 2.032,0 mm, garantindo que sua produção passe por tubos de altíssima qualidade e reconhecimento internacional.



Inoxtubos